

## Meninas no Crack: Vulnerabilidades ao Uso e Dependência

Desirê Thomé Pedroso<sup>1</sup>

### Resumo

Uma das maiores problemáticas dos tempos atuais, a dependência química do crack, tem gerado além de danos físicos à saúde dos usuários, violência e miserabilidade no ambiente familiar, diversos problemas para toda a sociedade. Com este artigo, objetivou-se identificar as vulnerabilidades que levam as mulheres jovens, especificamente, à dependência química desta substância. Para tal fim, foi realizada pesquisa de cunho qualitativo através de entrevista semiestruturada, da análise de conteúdo das informações e de amostra de usuárias de crack por conveniência realizada em instituições de saúde. Foi possível com isso elaborar uma categorização dos fatores de risco que possam ter influenciado o abuso da droga. Conclusões. Observou-se que as vulnerabilidades iniciais deste grupo específico apresentam-se a partir das dificuldades e problemas vividos inicialmente na família, que, uma vez somados às experiências vividas nos diferentes contextos e, principalmente às situações específicas do sexo feminino, fazem com que certas mulheres sejam mais propícias à influência de fatores externos na busca do alívio e do prazer através do uso de drogas do que outras. Ainda foi possível verificar que o início do uso do crack pelo sexo feminino, não está ocorrendo apenas na adolescência, mas tem se iniciado também na fase adulta.

Palavras-chave: Vulnerabilidades. Fatores de risco. Família. Dependência de Crack. Mulheres jovens.

## Girls on Crack: the Use and the Dependence Vulnerabilities

### Abstract

One of the major health and social problems of today, the crack addiction, besides has generates physical damage to users' health, violence and misery in the family, many problems for whole society. Whit this article aims to identify vulnerabilities that lead young women, specifically, to be addicted to this substance. For this finality, a qualitative research was conducted through semi-structured interview, whit the technique of content analysis of information and with a sample of crack female users for convenience in healthcare institutions. It was possible whit this, the categorization of risk factors that may have influenced the drug abuse. Conclusions. It was observed the initial vulnerabilities of this specific group are presented from the difficulties and problems experienced first in the family, that once added to the lived experiences in different contexts and, specific situations mainly female, make some women more prone to the influence of external factors in the pursuit of pleasure and relief through the use of drugs than others. It was still possible verify that the onset crack use by female, is not starting only in adolescence, but has also started in adulthood.

Key-words: Vulnerabilities. Risk Fators. Family. Crack Addiction. Young Women.

Há muito tempo o ser humano utiliza recursos naturais ou artificiais como potencializador ou amenizador de sensações, porém vivemos um momento que demonstra ser o de maior uso desenfreado de substâncias psicoativas ilícitas com maiores consequências devastadoras geradas pelo seu uso, sendo o crack um dos principais responsáveis por isso.

O conceito de droga a partir da Organização Mundial da Saúde - OMS (1989) é "toda a substância que, introduzida no organismo, provoca alterações no seu funcionamento, modificando uma ou mais das suas funções".

O aumento significativo do uso abusivo de drogas desde a metade do século passado, afirmado por Carvalho (2010), é justificado por

---

1 Psicóloga. Pós-graduanda em Gestão de Pessoas (MBA) na Faculdade Meridional – IMED, Passo Fundo – RS. E-mail: [desipedroso@hotmail.com](mailto:desipedroso@hotmail.com)

razões entre as quais estão: a disponibilidade da droga; as mudanças tecnológicas, culturais, socioeconômicas; a mudança de atitudes e valores da sociedade; a expansão do crime organizado visando à ampliação de seus lucros; entre outras. E apesar de haver grande esforço da sociedade para tentar deter o avanço desse comércio, as chances de sucesso são mínimas, devido à proporção da complexidade do tema e da quantidade de dinheiro envolvidas.

E com o surgimento do crack, conhecido como *o resto da cocaína*, seu baixo custo e fácil acesso somados a um início de ação da droga rápido, porém mais fugaz, que os usuários descrevem uma *fissura* (grifo do autor) quase incontrolável quando a utilizam, os fazem de *escravos* (grifo do autor) dos seus efeitos e com que muitos terminem sucumbindo devido aos danos causados ao organismo.

Para Kessler & Pechansky (2008), desde sua ampla disseminação, iniciada no final do último século, o crack tornou-se uma importante droga ilícita em uso no mundo e, no Brasil, seu uso tem aumentado mesmo depois da virada do milênio, quando vários relatos sobre esse tema foram produzidos, denotando uma preocupação cada vez maior dos profissionais da saúde e pesquisadores com o uso da droga pela população e por suas consequências.

Uma revisão desses mesmos autores sobre o perfil dos usuários de crack no Brasil confirma que realmente a maior parte dos usuários ainda é jovem, de baixa renda, do sexo masculino e que, o uso de crack nas classes mais altas, muitas vezes, poderia estar associado à comorbidades psiquiátricas. Mas independentemente dos números, o que nos sensibiliza na expansão do uso de crack é a velocidade do deterioro da vida mental, orgânica e social do indivíduo.

Contudo, Strauch & cols (2009) ressaltam que, nas últimas décadas, observa-se uma maior exposição de adolescentes mulheres, em relação ao uso de álcool, através da mídia e da liberdade não vigiada, pois há algumas peculiaridades em relação às mulheres, resultando em dependência química mesmo em menores quantidades mas com maiores consequências, quando comparado ao sexo masculino. Com isso, considerando o compromisso social da psicologia e também como exercício de cidadania, cabe-nos a responsabilidade de realizar estudos sobre o tema, na busca de estratégias de prevenção e de tratamento dos dependentes dessas substâncias, assim como, no apoio às famílias e nos demais contextos nos quais estão inseridos. E neste trabalho em específico, tratar-se-á do estudo dos casos de jovens do sexo feminino dependentes químicas de crack, objetivando levantar hipóteses de situações de vulnerabilidade que possam ter levado ao uso e abuso desta droga, o que o torna de grande relevância - uma vez que encontramos cada vez mais estudos na área, porém em sua maioria, estes tratam do público mais atingido, que é o do sexo masculino, deixando por vezes, de explorar as especificidades e vulnerabilidades do também atingido sexo feminino.

Para tal pesquisa, trabalharemos o termo “vulnerabilidades” (grifo nosso) conjuntamente com a expressão “fatores de risco” (grifo nosso), pois, conforme Neiva-Silva (2008), “a vulnerabilidade trazida pela droga ocorre através de uma combinação única de fatores de risco e proteção formada individualmente.” Já para Zemel (2011) fatores de risco são os que tornam a pessoa mais vulnerável a ter comportamentos que podem levar ao uso ou abuso de drogas, podendo assumir padrões de utilização altamente disfuncionais, causando a si próprio prejuízos biológicos, psicológicos e sociais.

## Método

O estudo é de natureza qualitativa, sendo realizado através de pesquisa bibliográfica e da análise de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas três mulheres jovens, entre 17 e 29 anos que fazem ou fizeram uso de crack frequentemente, sendo que o uso lhes tenha gerado prejuízos familiares e sociais. A amostra das entrevistadas foi encontrada em instituições de saúde específicas para tratamento da dependência química na cidade de Passo Fundo (Ambulatório Municipal CAPS-AD e Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes). Para melhor estudo das entrevistas e dos questionários, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo citada por Bardin (1977), como um “conjunto de técnicas de investigação que tem por finalidade a análise das comunicações”. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Meridional (042/2011).

E além do objetivo principal do artigo consistir em identificar fatores de risco ao uso e dependência do crack em mulheres jovens, procura-se também atingir os seguintes objetivos específicos: averiguar fatores de risco familiares e ambientais diversos; descrever o perfil social, econômico e cultural dos sujeitos da pesquisa; e investigar a percepção que as mulheres usuárias de crack tem sobre o problema e sobre o tratamento da dependência.

## Caracterização dos sujeitos

S.1 - Mulher, 28 anos, mora com a mãe, companheiro e filho. Está no segundo casamento, tem apenas 1 filho do primeiro casamento. É usuária de crack há três anos, e desde então está afastada do trabalho para tratamento de depressão e dependência química. Está sem usar a droga há 4 meses e usava a droga fora de casa e seus familiares não sabem sobre sua dependência.

S.2- Adolescente sexo feminino, 17 anos, tem um filho de 1 mês e meio. Mora com ele na casa da mãe e do padrasto, juntamente com o irmão de 8 anos e do avô materno - que mora na parte ao lado da casa. Relata estar há 2 anos e meio sem usar a droga, graças a tratamento feito à pedido da família. Tem um namorado mas este não é o pai de seu filho.

S.3- Mulher, 29 anos, mora com atual companheiro – 3º casamento, e 3 filhos do primeiro casamento e o mais novo do 2º casamento, filho de um companheiro que faleceu. Não está trabalhando, pois argumenta que ninguém quer lhe dar trabalho devido à sua dependência do crack, que começou há 3 anos, logo depois de ter perdido o pai e o ex-companheiro. Faz uso de álcool desde os 14 anos e só ficou sem usar a droga no máximo 3 semanas.

## Análise e discussão das informações

Partindo dos relatos das entrevistadas, puderam ser percebidas características e/ou do se contexto, que as tornam vulneráveis ao uso do crack, as quais serão estudadas a seguir a partir de categorias e grandes áreas, começando pela mais importante – a família.

### Família

A família pode representar muitos fatores de risco ou de proteção na vida de seus membros, pois, segundo Zemel (2011), a formação de cada um de nós se inicia na família. É função da família proteger

seus filhos e favorecer neles o desenvolvimento de competências, por exemplo, para lidar com limites e frustrações. Na adolescência, a falta da proteção da família, especialmente, para o adolescente transgressor que não sabe lidar com frustrações, pode favorecer o uso indevido de substâncias psicoativas.

#### Parentes usuários de drogas

Segundo Moura & cols. (2009, p. 11) a família também pode estar associada aos chamados fatores associados ao risco, uma vez apresentando “ambiente familiar vulnerável, com pais que abusam de drogas; falta de envolvimento afetivo entre pais e filhos; falta de autoridade dos pais, entre outras dificuldades”, o que vemos na fala – “Meu pai bebia desde a minha infância [...] E eu virei igual e eu não entendia porque eu tinha vontade de beber que nem meu pai.”- S.3 e S.2 -“Meu irmão era usuário de crack...Tem um tio meu que é usuário de crack...ainda é [...] ele (irmão) teve uma overdose já faz um tempo, ficou 2 dias no hospital mal [...]Meu pai por causa da bebida [...]”- S.1 e “Meu padrasto bebe todo dia, todo dia mas socialmente [...] mas considero como alcoólatra...”

#### Violência intrafamiliar

Guimarães & cols. (2009) relatam que as pesquisas com meninas dependentes de drogas apontam para o frequente relato de que estas geralmente sofrem maus-tratos na família, assim como, além de perceberem o abuso psicológico como pior, também relatam que o fato de presenciarem muitas situações de brigas e violência em casa influencia o uso de drogas. Acompanhamos tal tendência na fala “Meu pai batia muito na minha mãe, a vida inteira [...]” - S.1 e S.3 -“Meu pai bebia desde a minha infância e daí eles (pai e mãe) brigavam muito quando a gente era pequeno e aí eu acho que eu tive aquele trauma de vê eles brigar e como eu era a única menina.[...]”

#### Problemas de relacionamento familiar e a falta de afeto

Guimarães & cols. (2009) em sua pesquisa feita somente com dependentes químicas do sexo feminino, concluíram que as famílias destas, em sua maioria, podem ser chamadas como famílias disfuncionais ao possuírem características como: laços familiares conflitivos; pouca proximidade entre os membros; falta de uma hierarquia bem definida; pais que não dão exemplo positivo quanto ao uso de drogas; que apresentam um funcionamento patológico com relação à comunicação; ao estabelecimento de regras e limites; falta de afeto, entre outras características negativas que, costumam ser o tipo mais encontrado em adolescentes dependentes de drogas. Percebe-se isso nas falas “[...] eu não me dava com a minha mãe. Que era atrito, nós não se dava muito bem. [...] o meu emocional tava bem balanceado por causa da minha mãe, então, aí entrei (na droga), direto!” - S.2. “[...]meu pai ele vira as costas...não quer saber, não ajuda com dinheiro, acha que “se vire sozinho”. A minha família a maioria é assim.[...] eu nunca tive assim carinho de pai e de mãe, de sentar, de dar um carinho, de conversar, de ajudar a fazer os tema, leva numa pracinha, sair pra tomar sorvete....eu nunca tive isso de pai e mãe.”- S.1, e S.3 -“[...] eles (irmãos) só sabem brigar e não sabe entender [...] Eles nunca entendem de me dar carinho, conversar.”

#### Ausência figura paterna

Duailibi & cols. (2008) apontam a partir de resultados de levantamentos epidemiológicos feitos com estudantes, para a maior probabilidade de consumo de drogas, entre outras coisas, por jovens com pais separados, pais permissivos ou que tem dificuldade de relacionamento com os filhos. E é por acaso ou não, que as três entrevistadas vivem hoje sem o convívio do pai, como acompanhamos nas descrições a seguir -“E daí na perda do meu pai eu vivi um choque muito grande.”- S.3; -“O meu pai eu não conheço. [...] E ela sabe quem é o meu pai mas ela dizia que ele não era decente pra mim conhecer...E meu irmão é filho de outro ex-marido dela....”- S.2. e S.1 “meus pais, eles são separado [...] a gente não convive muito [...]

#### Problemas individuais

Alguns fatores e problemas individuais, oriundos da genética, da hereditariedade, da própria personalidade, e a existência de traumas ou mesmo novas comorbidades adquiridas, aumentam também a probabilidade da adicção (dependência) ao uso de drogas, como serão explanados nos tópicos a seguir.

#### Situações traumáticas (como abandono e luto)

Narvaez (2010) concluiu em seu estudo que o trauma infantil pode ser realmente um fator de risco para usuários de crack, causando até prejuízos mais severos. E a partir de outras pesquisas e autores, verificou que a severidade do uso do crack por mulheres estava diretamente ligada à repetição de situações traumáticas diversas, que as atinge mais que aos homens, uma vez que entre elas está a ocorrência maior de abuso sexual. E o consumo da droga é agravado em razão de novos traumas na idade adulta, como pelo Estresse Pós-Traumático (TEPT), pela perda da custódia dos filhos - ou ainda o luto como verificado no último relato, entre outros. Vemos nos relatos: “Minha mãe ter me deixado...que não foi ela que me criou, foi meu vô...acho que isso mesmo...Por isso que eu saí de casa com 11 anos, porque ela não me criou, quando ela voltou eu tinha sete anos...eu nasci ela me largou nas mão do meu vô [...]”- S.2 e S.3 -“Foi assim na perda do pai eu queria morrer porque eu tinha perdido ele, tava com depressão, eu não queria viver mais... Aí eu tava no bar bebendo e ela chegou [...]E ela me ofereceu [...] foi as duas perdas que eu mais perdi na minha vida [...] que foi a do pai e dele (ex-companheiro)[...]”.

#### Uso prévio de drogas e medicamentos

Conforme as pesquisas investigadas por Duailibi & cols. (2008) de demais autores, habitualmente, o usuário de crack é poliusuário ou já consumiu anteriormente outras substâncias, uma vez que o início do uso se dá com drogas lícitas como tabaco e álcool, geralmente em idade precoce e de modo pesado, como no depoimento: “Álcool e cigarro desde os 14, 15 anos. Maconha e cocaína só experimentei também aos 14 anos [...] se eu tomar alguma bebida...vou pro crack. [...] Tomava medicação pra depressão [...]e um outro pra dormir que não lembro o nome [...]”- S.1 e S.2 -“Eu fumava cigarro desde os 13 anos, e álcool desde os 14 também”. E S.3 “Cigarro desde 13 anos [...] Álcool todo dia sempre, desde os 14 anos todo dia [...] Cocaína experimentei aos 20 anos [...]Já faz uns 3 anos, já...4...que tomava remédio pra depressão.”

### Baixa escolaridade

Para Ferraz (2010), a incapacidade de conseguir atingir um nível mínimo de aproveitamento na escola, cria frustração por parte dos jovens e um sentido de repulsa por parte da escola. E o fato de o jovem se sentir rotulado negativamente pode baixar-lhe a autoestima, impulsionando-os a se agruparem uns com os outros, criando um clima de exclusão onde a delinquência pode progredir. Tais dificuldades observam-se no que segue das entrevistadas: - *“Não, não gostava de estudar, não gravava nada na cabeça [...] parei com 15 anos. [...]”*- S.1 e - *“Estudei até a sétima [...] eu já tinha largado porque tava desinteressada. As notas tavam horríveis [...]”*- S.2 e *“Eu gostava de estudar só que eu não podia estudar porque eu queria ajudar o pai também a trabalhar [...] Aí eles não incentivavam muito pra estudar. [...]”*-S.3

### **Fatores econômicos e sociais**

Gontijo & Medeiros (2009), a partir da Comissão Nacional de Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) criada em 2006 pelo Presidente da República, citam os determinantes sociais da saúde como elementos de ordem econômica e social que afetam a situação de saúde de uma população, influenciados pela renda, educação, condições de habitação, trabalho, transporte, saneamento e meio ambiente proporcionados à uma determinada população.

### Dificuldades econômicas

Scaduto & Barbieri (2009) enfatizam a produção social da dependência como resultado das dificuldades econômicas e de uma crise de valores da população. Sobre as condições de vida na infância e adolescência e classe a que pertenciam as entrevistadas falaram -*“Necessidade não passamos, tinha tudo, mas não aquele exagero. Comida o básico.”*[...] *Classe Pobre* [...] – S.1 e S.2 -*“[...] de não pode assim, de deixar de compra uma coisa pra compra outra ainda assim sim... [...] eu me prostituí pra poder dividir o aluguel com a mulher que eu fui morar [...]”*

### Trabalho infantil e dificuldade de inserção no mercado de trabalho

Rodrigues & cols. (2011, p. 351) destacam sobre a realidade do trabalho infantil como “complexa e violenta, reflexo das desigualdades sociais que conduzem crianças e adolescentes, oprimidos pela dura realidade da luta pela sobrevivência e pelo desemprego ou subemprego dos pais”, onde eles são excluídos das atividades próprias da infância e adolescência, tendo seu futuro comprometido pelos problemas de saúde e pela negação de seus direitos.

Observa-se esta dificuldade no acesso ao mercado de trabalho nas falas de S.2 *“Não tentei emprego, fui direto no mais fácil [...] Daí eu fazia programa pra pagar as despesas da casa [...]”* e S.3 -*“Eu trabalhava no mato, nesse negócio de cortar madeira, tora essas coisas. Desde dos 8, 9 anos eu fiz isso até os 15 [...] esses tempo aí que a gente foi numa firma arrumar serviço, que eu já trabalhei[...]eles falaram que era pra mim voltar [...] ela disse que não podia me ‘pegar’ mais, porque tinham contado pra ela que eu tava usando droga e que eu tava com depressão”*- S.3

### Influência de amigos

Lima & cols. (2008) leva em consideração a necessidade de autoafirmação da juventude como a motivação que muitas das vezes faz com que, para se sentir aceito pelo seu círculo de convívio, o adolescente tenda a aceitar as ofertas de seus amigos, inclusive as drogas. Nesse sentido, alguns dos motivos que conduzem às drogas são: modismo para ser aceito em determinado grupo, convívio com pessoas que utilizam drogas e ainda o fácil acesso às drogas.

Observou-se com as exposições -*“Amigas, que ofereceram o crack primeira vez [...] Companhias! Um pouco foi companhias... [...] Porque meus amigos ofereceram... [...] Vários amigos continuam usando [...] Depois que saí da clínica eles me procuravam e eu me escondia.”*- S.2 e - *“[...] tenho que ficar longe de tudo né, das amizades... E muitos deslizes que eu tive foi de dá o acaso de tá na rua e encontrar amiga que também usa [...] daí eu pegava e ia.”* – S.1 e S.3 -*“Foi uma amiga minha num bar [...] Aí eu tava no bar bebendo e ela chegou [...] E ela me ofereceu [...] Aí depois de tanto eu resistir eu acabei dando uma primeira fumada e foi a primeira fumada que eu fui a noite inteira com ela ai depois era todo dia. [...] Eu tenho umas amigas que moram em outra cidade e aí quando eu queria usar aí eu ia lá na casa delas, essas usam.”*

### Dificuldade acesso à casa própria e independência da família de origem

Boni & Kessler (2011) apontam a moradia como um dos fatores a serem levados em consideração como característica psicossocial do sujeito dependente químico para uma completa avaliação de suas necessidades e indicação de tratamento. Acompanhamos tal dificuldade nos relatos -*“eu não morava com a mãe, agora é que to morando com ela [...] é meu sonho... Ter a minha casa também...”* – S.1 e - *“Eu acho que eu tendo minha casa ali, e não dependendo dos outros [...] aí como eu dependo de morar na casa dele (irmão) [...] Agora eu quero pedir pro Prefeito, eu já pedi por telefone daí veio o rapaz da Secretaria de Saúde e disse que conseguiram uma casinha. [...]”* – S.3 .Ferraz (2010) enfatiza que há a necessidade de haver uma independência progressiva dos pais para que o ser jovem seja capaz de estabelecer sua identidade pessoal.

### **Vulnerabilidades específicas do sexo feminino**

Oliveira & cols (2007) recomendam sobre uma necessidade de atenção para situações específicas da condição feminina que podem levar à busca pela droga, como: a gravidez, a responsabilidade no cuidados com os filhos, traumas por abusos físicos e sexuais, níveis mais altos de problemas de saúde mental em relação aos homens e, ainda, a prostituição.

### Prostituição e abuso sexual

Oliveira & cols. (2007) a partir de sua pesquisa, apontam para o fácil acesso do crack no mercado local de drogas, o valor de compra e a grande aceitação de troca de sexo por droga, modalidade essa apontada como de grande utilização entre mulheres usuárias, como fatores facilitadores para o consumo de crack pelo grupo feminino – o que se acompanha nas falas *“[...] quando eu me apertava, arrumava emprestado aqui e ali...há...e muitos programas também eu fiz...pra conseguir dinheiro[...]”*-S.1 e - *“[...] aí fui né, mas eu já fazia programa [...]”* – S.2. Embora não tenha aparecido nos relatos das entrevistadas, situações de abuso sexual foram citadas em

inúmeras bibliografias que abordam as vulnerabilidades dos jovens, como sendo algo de grande ocorrência, principalmente na infância e adolescência e com o sexo feminino.

#### Influência do companheiro e submissão

Pimentel (2008) relata que a forma como as mulheres compreendem os seus papéis nas relações de afeto pode ser determinante para práticas ilícitas relacionadas às drogas, inclusive chegando a não se reconhecerem como criminosas quando se tornam traficantes em nome do amor que sentem por seus companheiros e pela família. Percebemos nestas falas a influência – *“Meu marido fuma... Meu marido também cheira de vez em quando [...] Meu marido ofereceu já, mas não usei porque fiquei com medo.”* - S.1; *“Aí um dia nós fomos numa boca e o cara era lindo! [...]Então eu fiquei dois meses lá com ele e como ele vendia (crack) eu tinha todo dia! [...] ele me batia só que como eu era dependente eu aceitava [...]”* - S.2 e *“Eu casei tinha 15 pra 16 anos [...] Ele era bêbado, eu bebia e daí nos se surrava [...] Mas ele não usava droga só bebia todo dia daí.”* - S.3

Conforme Nappo (2004), essa situação inusitada do uso de crack como primeira droga ocorre principalmente entre as mulheres que sofreram influência do companheiro, pois, quando é ele que oferece a droga, praticamente não existe recusa por parte delas, que, por motivos como amor, companheirismo e até medo, experimentam-na – assumindo um papel de extrema submissão.

#### Maior propensão à transtornos de humor e ansiedade

Duailibi & cols. (2008) verificaram entre os demais autores que a presença de um segundo diagnóstico psiquiátrico é comum entre os usuários de cocaína e crack, e ainda, que a depressão e os transtornos ansiosos são as comorbidades psiquiátricas mais observadas em estudos brasileiros com esses usuários e que, isso agrava o estado de saúde destes usuários. Verifica-se na fala que se segue *“A primeira vez que experimentou estava fazendo tratamento para depressão [...]Que nem eu agora fez duas semanas que eu ando bem nervosa, bem angustiada [...] tu se incomoda com qualquer coisa, tu vai tu bebe, tu não pensa em mais nada e se tiver alguém usando droga e te oferecer você diz sim!”* - S.1 e S.3 - *“Eu sou uma pessoa muito nervosa [...] me dá tremedeira daí eu fico muito nervosa com as criança [...]Eu tomei três anos remédio pra depressão[...]Foi assim na perda do pai eu queria morrer porque eu tinha perdido ele, eu tava com depressão, eu não queria viver mais[...]”*-S.3. Diversos autores afirmam por fim, que o sexo feminino tem maiores índices de casos de depressão em usuárias de drogas, em contraponto ao sexo masculino.

#### Maior responsabilidade nos papéis femininos

Para Oliveira & cols. (2007), também devem ser pesadas as responsabilidades sociais e culturais atribuídas às mulheres em seus diversos papéis como mães, donas de casa e esposa. Cabe também à mulher pós-moderna uma boa atuação no mercado de trabalho, o cuidado dos pais, o agrado ao marido, o auxílio no sustento da casa – além da cobrança social, consumista e principalmente masculina, de que deve manter-se bonita, elegante e bem-vestida. E um dos papéis em que a própria mulher mais se cobra, se sente feliz e ao mesmo tempo se frustra e se desgasta, é o papel de mãe, como vê-se nas falas *“Por isso eu decidi não quero mais essa vida pra mim...e eu tenho um filho também...[...] eu não tenho muita*

*paciência com meu filho. Ele reclama que eu não dou atenção pra ele [...]”* - S.1; *“Agora me sinto mais responsável, não tenho vontade de sair e amo meu filho mais que tudo, e nunca pensei em dar ele, em nenhum momento porque ele é tudo pra mim. E o motivo agora é mais forte que a vontade. – S.2 e S.3- “[...] Eles falam que eu não tenho vergonha e deveria pensar nos meus filho [...] eu prometi pros meus filho que eu ia parar [...]”*.

#### **Discussão**

Como foi possível perceber diante desta pesquisa, a cada dia mais o crack dissemina-se como a droga mais devastadora da atualidade, não pela questão imediata de prejuízo na saúde do dependente, mas sim, por trazer maiores problemas sociais em todos os demais âmbitos da vida do mesmo.

Percebe-se o nível de prejuízo elevado causado por esta substância psicoativa, quando nos relatos as entrevistadas contam que passam a depender dela para se satisfazer, virando então reféns de seu consumo, deixando de se preocupar com todas as outras coisas as quais consideravam importante na vida como família, estudo, trabalho, leis, regras, higiene, etc., passando a se preocupar somente em obter dinheiro para comprar e consumir a droga com cada vez mais frequência e em maior quantidade.

Outras razões encontradas que justificam a disseminação do crack como “a droga do momento” (grifo nosso) foi o fato de ser uma droga de fácil aquisição por seu baixo custo e ampla oferta, que causa dependência já na primeira ou segunda vez de uso.

O objetivo deste estudo foi verificar o problema vivido pelo público feminino que, apesar de não ganhar tanta visibilidade e ainda ser menor que o do sexo masculino, é tão atingido tanto quanto o outro. E para maior entendimento desta problemática específica, procurou-se verificar com os instrumentos aplicados nesta investigação as principais e atuais vulnerabilidades que atingem as mulheres e as influenciam para o uso e dependência de substâncias como o crack.

Tais vulnerabilidades podem ser formadas, inicialmente, a partir do convívio familiar, onde se apresentaram como fatores de risco: o uso prévio de drogas por parte dos pais e parentes; a vivência de situações de violência física; a ausência da figura paterna (ou a pouca participação desta na criação dos filhos); e as dificuldades no relacionamento familiar.

Os aspectos individuais de personalidade e comportamento também demonstraram influência, dentre eles o uso prévio de substâncias lícitas e ilícitas – dentre elas o álcool, o tabaco e os medicamentos antidepressivos -; a existência de eventos traumáticos (como o abandono e o luto) que, por sua vez, demonstraram ter maior influência dentre os demais, uma vez que as entrevistadas justificaram o uso da substância como resposta às situações traumáticas; e a baixa escolaridade.

Posteriormente, entre os fatores de risco sociais e econômicos estão: as dificuldades financeiras; a dificuldade no processo de independência da família de origem, somado à dificuldade de acesso à moradia própria; a precocidade do trabalho infantil e dificuldade posterior de inserção no mercado de trabalho; a escolha das amizades – percebido nos relatos sobre o primeiro uso da droga sempre ter sido por influência de amigos.

Por último, e não menos importante, há de se enfatizar a existência de fatores específicos ao sexo feminino, encontrados: nas responsabilidades e cobranças dos múltiplos papéis da mulher na atualidade; a prostituição e o abuso sexual; a influência de companheiro usuário e a submissão feminina quanto a eles; assim como a maior probabilidade de comorbidades como a depressão.

Assim, concluímos que as vulnerabilidades específicas do sexo feminino e, sobretudo, as vivências marcantes da infância e juventude no âmbito familiar, exercem maior influência na formação e no desenvolvimento do ser humano, principalmente quando geram marcas e traumas que, somados aos acontecimentos

estressores e posteriores de vida, formam maiores fatores de risco à busca de objetos exteriores – neste caso o crack –, que possam promover alívio a essas lembranças e sensações negativas. E ainda pode-se observar que a experimentação e dependência desta droga não se dá exclusivamente mais a partir da adolescência, mas também na idade adulta, um vez que duas das entrevistadas iniciaram seu uso após os 25 anos de idade, impulsionadas por acontecimentos estressores como o luto e a depressão.

## Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). Análise do Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Boni, R.; & Kessler, F. (2011). Tratamento. In: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. – 4. ed. – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD.
- Buchele, F., & Cruz, D. D. de O.(2011). Aspectos socioculturais do uso do álcool e outras drogas e exemplos de projetos de prevenção. In: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. – 4. ed. – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD.
- Carvalho, H. B. (2010). Epidemiologia. In: Seibel, S. D. Dependência de Drogas. 2 ed. São Paulo: Atheneu.
- Duailibi, L. B., & cols. (2008). Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil. Caderno de Saúde Pública. [on-line]. Disponível na World Wide Web: <[http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/perfil\\_usuario\\_coca-crack.pdf](http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/perfil_usuario_coca-crack.pdf)> Acessado em: 10/04/11.
- Ferraz, V. (2010). A droga vai à escola? Dissertação da Escola Superior de Educação de Beja. Curso de Serviço Social. Disponível na World Wide Web: <<http://www.cpihts.com/PDF%2006/Vanessa%20Ferraz.pdf>>, acessado em 20/10/11.
- Gontijo, D. T., & Medeiros, M. (2009). Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. Revista Ciências e Saúde Coletiva [on-line], v.14, n2. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Brasil. Disponível na World Wide Web: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/630/63013532015.pdf>>, acessado em 14/10/11.
- Guimarães, A. B. P., & cols. (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. Revista de Psiquiatria Clínica. [on-line]. São Paulo. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n2/05.pdf>>, acessado em: 08/10/11.
- Kessler, F., & Pechansky, F. (2008). Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade. Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul [on-line]. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n2/v30n2a03.pdf>>, acessado em: 04/05/11.
- Lima, I. S., & cols. (2008). História oral de vida de adolescentes dependentes químicos internados no setor de psiquiatria do hospital regional de Mato Grosso do Sul para tratamento de desintoxicação. SMAD- Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas. (Ed. Port.) v.4 n.1 [on-line]. Ribeirão Preto. Disponível na World Wide Web: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80340102>>, acessado em: 18/05/2011.
- Moura, Y. G., & cols. (2009) Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. Revista Psicologia em Pesquisa. [on-line] Disponível na World Wide Web: <<http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2009/11/v3n1003.pdf>>, acessado em: 10/10/11.
- Mota, L. (2009). Dependência Química e representações sociais – Pecado Crime ou Doença?. Curitiba: Juruá. 2009. Disponível na World Wide Web: <<http://www.jurua.com.br/bvf/conteudo.asp?pag=a&r=36104>>, acessado em: 15/10/11.

- Nappo, S. A. & cols. (2004). Comportamento de risco de mulheres usuárias de crack em relação às DST/AIDS. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, São Paulo.
- Narvaez, J. C. M. (2010) Trauma Infantil e função executiva em usuários de crack. Dissertação de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível na World Wide Web: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25126/000752144.pdf?sequence=1>>, acessado em 15/10/11.
- Neiva-Silva, L. (2008). Uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua: um estudo longitudinal. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFRGS. Disponível na World Wide Web: <<http://www.mpu.furg.br/cd2010/cic/1698.doc>>, acessado em: 14/10/11.
- OMS - Grupo Consultivo da Organização Mundial da Saúde (1989). "Problemas de toxicod dependência e de alcoolismo – Manual destinado a operadores comunitários de saúde com linhas de orientação para monitores". Organização Mundial de saúde Genebra, Lisboa.
- Oliveira, J. F. & cols. (2007). A interferência do contexto assistencial na visibilidade do consumo de drogas por mulheres. Revista Latino-americana de Enfermagem. Disponível na World Wide Web: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>, acessado em 14/04/11.
- Pacheco, A. L. P. (2007). O feminino e as drogas na atualidade. Mental. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272007000200004&script=sci\\_arttext](http://www.http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272007000200004&script=sci_arttext)>, acessado em: 25/03/11.
- Pimentel, E. (2008). Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. VI Congresso português de sociologia, Universidade Nova de Lisboa. Disponível na World Wide Web: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/708.pdf>>, acessado em: 04/04/11.
- Rocha, A. P. R.; Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. Psicologia ciência e profissão. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-989320080003\\_00014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-989320080003_00014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>, acessado em 05/10/11.
- Rodrigues, A. A. & cols. (2011). Trabalho infantil: fator de risco para a violência e para o uso de álcool e outras drogas. In: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. – 4. ed. – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD.
- Strauch, E. S., & cols. (2009). Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. Revista de Saúde Pública. 2009; 43(4):647-55. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S19814472011000200021\\_&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S19814472011000200021_&script=sci_arttext)>, acessado em 10/10/2011.
- Zemel, M. L. S. (2011). Prevenção – novas formas de pensar e enfrentar o problema. In: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. – 4. ed. – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD.

<i>Recebido em:</i>	01/03/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	05/03/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	15/04/2013
<i>Aprovado em:</i>	30/05/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinicius Renato Thomé Ferreira